

# Para Sarney, dívida externa freia o País

Num discurso para 120 estagiários da Escola Superior de Guerra, no Palácio do Planalto, o Presidente José Sarney afirmou que as pressões externas estão impedindo a retomada do crescimento econômico do Brasil. "As transferências maciças de divisas que realizamos para resarcimento dos juros da dívida externa, aliada ao cínismo exarcebado de alguns países industrializados, apresenta fortes entraves ao nosso processo de desenvolvimento", declarou Sarney, antes de dizer que "nem tudo são flores" no País.

Sarney ressaltou que a crise brasileira é uma crise do Estado, que "não tem condições de enfrentar o cumprimento daqueles menores deveres que lhe são atribuídos de prestar serviços à sociedade". Citando números da receita brasileira, o Presidente da República demonstrou que o País tem destinado mais recursos para pagamento dos juros da dívida externa (1,35% do PIB) do que para investimentos sociais (0,68% do PIB).

O Brasil tem uma receita fiscal de 9,64% do PIB, sendo obrigado a transferir 2,63% para Estados e Municípios; 0,03% para o Sistema

Integrado de Previdência e Assistência Social (SINPAS), 1,03% para pagamento de juros da dívida interna, 1,35% para juros da dívida externa, 3,92% para pagamento de encargos com pessoal e 0,68% para custeio de infra-estrutura e investimentos sociais.

"Aí está um mapa claro, visível, da grande crise do Estado brasileiro", observou o Presidente, após detectar que a economia vive com índices irreais, provocados pelo que classificou de "poderosa economia invisível".

Além das pressões externas, Sarney responsabilizou a incapacidade da classe política de construir "sólidas estruturas políticas de um Estado que fosse e que tivesse condições de oferecer às camadas mais pobres respostas às suas necessidades", afirmou.

A audiência de Sarney aos 120 estagiários da ESG faz parte do programa do Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia para civis e militares. Os estagiários foram acompanhados pelo ministro-chefe do EMFA, Almirante Lisieux Medeiros de Figueiredo, e pelo comandante da ESG, general Oswaldo Oliva.